

UMA LEITURA DE “PARQUE INDUSTRIAL” DE PATRÍCIA GALVÃO A PARTIR DA ARTE REVOLUCIONÁRIA E DA LITERATURA ENGAJADA

Maria Lúcia de Sousa Cortez, Orientador: Prof. Dr. Felipe Victor Lima

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, maluscortez@gmail.com, felipe.victor@univap.br

Resumo

Durante a década de 1930 foram introduzidas diversas mudanças na vida cultural e social brasileira e, em meio a essas, surgiu o “romance proletário”, apresentado em 1933 pela obra de estréia de Patrícia Rehder Galvão (Pagu), “Parque Industrial”. Dessa maneira, no presente artigo foi objetivado relacionar o romance aqui debatido às concepções de arte revolucionária e literatura engajada, segundo Trotsky e Breton (1985) e Perrone-Moisés (2023), respectivamente. Para tal, foi utilizada a metodologia de cunho qualitativo e a análise bibliográfica para debater e contextualizar o gênero ao qual o livro apresentado nesta pesquisa procura se filiar, utilizando como base Candido (1984), Bueno (2006) e Mattos (2010). Com isso, foi concluída a relevância de “Parque Industrial”, para além e através de seu valor de documento literário, como um testemunho das condições de trabalho feminino na capital paulista na primeira metade do século XX, assim como o seu pertencimento ao debate cultural da arte revolucionária e literatura engajada no âmbito comunista, seja o que estava sendo construído contemporaneamente a sua escrita, quanto após.

Palavras-chave: Arte Revolucionária. História Literária. Literatura Engajada

Área do Conhecimento: Ciências Humanas, História
Introdução

A Revolução de 1930 representou uma série de importantes transformações em diferentes setores da vida social brasileira, em especial o da cultura. As mudanças institucionais produzidas pelo governo varguista, em realidade, somente propiciaram que ações idealizadas ainda na década passada tivessem condições de se efetivarem. Porém, para além dessas, a renovação do conceito de intelectualidade e do papel social do intelectual, o qual nesse momento se lança enquanto uma personalidade de consciência ideológica, seja essa de direita ou esquerda, e preocupações sociais e políticas (Candido, 1984). Essas alterações podem ser observadas tanto na educação pública, nas artes plásticas, literatura e nas produções científicas histórico-sociais. No entanto, a presente pesquisa dá ênfase à vida literária após o movimento revolucionário de outubro, dando enfoque ao gênero “romance proletário” apresentado pelo livro “Parque Industrial”.

Concomitante a “normalização” das inovações estéticas esboçadas e, em certa medida, definidas ainda nos anos 1920 – relacionada a transição do modernismo de um projeto estético para um projeto ideológico e nacional, como propõe Lafetá (2000, p. 19-25) –, há também a incorporação de novas temáticas, tal como de já outras antigas, também relacionada aos modernistas. Adentravam, assim, no léxico, tanto de autores declaradamente de esquerda, quanto de simpatizantes, as noções de “luta de classes”, “burguesia” (Candido, 1984, p. 31).

Vale comentar que a aproximação entre a literatura e a política não está restrita tão somente ao Brasil, mas também a movimentos similares na Europa e Estados Unidos. Uma evidência disso são os debates a respeito de arte proletária e de vanguarda entre os soviéticos que começavam a definir o realismo socialista como modelo literário no pós-Revolução Russa. Embora a União dos Escritores Soviéticos só tenha sido fundada de fato em 1934, dois anos antes o Comitê Central do Partido Comunista já havia aprovado uma resolução a respeito das organizações literárias e artísticas, revelando o amadurecimento da arte revolucionária e a necessidade da unidade de produtores da cultura, que fundamentou sua criação (Candido, 1984; Mattos, 2010).

A influência da literatura russa na produção brasileira pode ser evidenciada na publicação e tradução de escritores na esquerda, como Fiodor Gladkov e Boris Pilniak, por exemplo (Candido, 1984, p. 32). Contudo, independente do peso do modelo soviético para a literatura engajada brasileira do período

aqui debatido, a preocupação com a denúncia social, assim como a estética realista, é clara neste estilo de escrita (Mattos, 2010, p. 79).

Metodologia

Este trabalho embasou-se na pesquisa de cunho qualitativo e na análise bibliográfica para a leitura crítica da obra de Patrícia Galvão, “Parque Industrial” (1933), a partir da concepção de arte revolucionária e literatura engajada, segundo Trotsky e Breton (1985) e Perrone-Moisés (2023). Embasou-se, para abordar os conceitos de romance social e proletário brasileiro da década de 1930, modernismo e realismo socialista soviético, nos textos de Bueno (2006) e Mattos (2010). Para contextualização histórica do período mencionado, foi utilizado como referência Candido (1984).

Discussão

No início do ano de 1933, desaprovada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) e sob o pseudônimo de Mara Lobo, aos vinte e dois anos, Patrícia Rehder Galvão publicou de maneira independente sua obra de estréia e o primeiro “romance proletário” brasileiro, “Parque Industrial”. Em seu texto, Patrícia narra, a partir de descrições panfletárias enfáticas, o cotidiano de operárias de fábricas têxteis do bairro do Brás em São Paulo. Por meio da experimentação estilística e de sua natureza publicística, o objetivo da autora era que o livro fosse lido por trabalhadores. Nessa perspectiva, torna-se possível interpretar o romance de Pagu através do realismo socialista que começava a se padronizar na União Soviética no mesmo período, tendo como base Andrei Zdanov (Pinto, 2025, p. 170).

Figura 1 - Capa da primeira edição de “Parque Industrial” (1933)



Fonte: Bonvicino (2014)

Muito embora a obra traga em sua capa – de autoria do gravador Lívio Abramo (Chareyre, 2023, p. 190) – a inscrição de “romance proletário”, talvez por sua publicação amadora e particular, “Parque Industrial” não conduziu o debate a respeito desse gênero, diferentemente de “Cacau” de Jorge Amado, lançado mais tarde no mesmo ano (Bueno, 2006, p. 160). Uma das críticas a respeito do caráter da literatura proletária, tendo como referência “Os Corumbas” de Amando Fontes, é o texto “P.S” do próprio Jorge Amado, publicado no Boletim de Ariel ainda em 1933:

“(…) A literatura proletária é uma literatura de luta e de revolta. É de movimento de massa. Sem herói nem heróis de primeiro pano. Sem enredo e sem senso de imoralidade. Fixando vidas miseráveis sem piedade mas com revolta. É a mais crônica e panfleto (...) do que romance no sentido burguês.” (Amado, 1933 *apud* Bueno, 2006, 164).

Vale pontuar que, tanto no escrito de Jorge, quanto de outros críticos literários que abordaram a temática, o conceito de “romance proletário” que surge ainda em formação, da mesma forma que a própria mentalidade e consciência proletária. Nesse sentido, faz-se importante citar o texto “Nota sobre

Cacau” de Murilo Mendes, também publicado no “Boletim de Ariel”. Em seu texto, Mendes (1933) qualifica o gênero literário aqui debatido por meio da comparação de “Cacau” e “Parque Industrial” e estabelece que, para ser um “romance proletário” genuíno, é necessário que aquele que escreve tenha uma adesão para além do superficial à causa do proletariado, ou seja, esteja integrado ao espírito proletário, o que, de acordo com o crítico, não é observado na obra de Patrícia (Mendes, 1933 *apud* Bueno, 2006, p. 166). O “romance proletário”, então, se expressa no retrato da vida dos miseráveis, dos trabalhadores e operários, mesmo que por uma visão idealizadora.

Porém, é interessante apontar que a classificação do que era ou não romance proletário estava relacionada à simpatia ou antipatia dos críticos para com os problemas políticos que os autores tratavam de enfrentar (Bueno, 2006, p. 162-165).

De acordo com Perrone-Moisés (2023), se entende a tendência da literatura engajada através de suas raízes iluministas, ainda no século XVIII. Durante os 1800, é possível estabelecer uma relação entre essa e as obras de denúncia social de Victor Hugo e Charles Dickens. Dessa forma, as produções engajadas têm como principal temática e objetivo a defesa de uma causa e o fazem através da exposição e acusação de “(...) uma situação política ou social injusta e indesejável (...)” e da proposta de uma mudança (Perrone-Moisés, 2023, p. 371). Pode-se observar ambas as características em “Parque Industrial”, a exemplo de duas citações:

Lá dentro na cidadela isolada do alto feudalismo brasileiro e no valhacouto que vive do suor destilado pelo Parque Industrial há condes progressistas e reizinhos rurais casados com o contrabando da Migdal. Capitalistas seduzem criadas. Condessas romanticamente amam tratadores de cavalo.
(Galvão, 2022 (1933), p.36)

Rosinha Lituana explica o mecanismo de exploração capitalista.

- O dono da fábrica rouba de cada operário o maior pedaço do dia de trabalho. É assim que enriquece às nossas custas!
- Quem foi que te disse isso?
- Você não enxerga? Não vê os automóveis dos que não trabalham e a nossa miséria?
- Você quer que eu arrebe o automóvel dele?
- Se você fizer isso sozinho, irá para cadeia, e o patrão continuará passeando noutro automóvel. Mas, felizmente, existe um partido, o partido dos trabalhadores, que é quem dirige a luta para fazer a revolução social.
- Os tenentes?
- Não! Os tenentes são fascistas.
- Então o quê?
- O Partido Comunista...

(Galvão, 2022 (1933), p. 19)

É interessante pontuar como a solução para o fim da exploração capitalista está relacionada diretamente à organização partidária, evidenciando o caráter panfletário do texto.

Jean Paul-Sartre, na década de 1940, ao teorizar a respeito da literatura engajada, argumentou que todo escritor está “em situação” com seu tempo histórico, e logo, responsável por seu silêncio ou manifestação. No entanto, no conceito sartreano, a obra literária, apesar de possuir “apelo”, não é a “ação”, mas parte essencial dessa, é o momento de “consciência reflexiva” (Perrone-Moisés, 2023, p. 371). De maneira similar, é importante pontuar o posicionamento de Mário de Andrade no que diz respeito ao papel do intelectual. Em um texto de 1942, Mário reforça o rompimento com as antigas gerações, como “um *au-dessus de la mêlée* tão irreduzível quanto Machado de Assis”, e a necessidade de posicionamento dos novos intelectuais em relação aos dilemas de seu tempo (Lahuerta, 1997 *apud* Mattos, 2010, p. 69).

Por outro lado, Theodor W. Adorno, crítico de Sartre, aponta que a arte engajada não deve se restringir a somente propor alternativas, mas principalmente “(...) resistir, pela forma e somente por ela, contra o curso do mundo que continua ameaçando os homens como um revólver apontado para seu peito” (Adorno, 1986 *apud* Perrone-Moisés, 2023, p. 371-372).

“Por uma arte revolucionária independente” foi publicado por André Breton e Leon Trotsky inicialmente em 1938 – cinco anos mais tarde da primeira publicação de “Parque Industrial” – como manifesto de fundação da Federação Internacional de Arte Revolucionária (FIARI). A FIARI artistas, intelectuais e cientistas, entre outros, para a formação de uma organização internacional independente. Vale lembrar que os autores escreveram o manifesto em plena ascensão do nazismo e como crítica a burocracia stalinista que crescia no campo das artes (Silva, 2017, p. 57-58).

Trotsky e Breton (1985), os autores do manifesto, estabelecem que a produção artística verdadeira “se esforça por dar uma expressão às necessidades interiores do homem e da humanidade de hoje”, não se encerrando em “variações de modelos prontos”. A verdadeira arte é, assim, revolucionária e necessita “aspirar a uma reconstrução completa e radical da sociedade”, de maneira a libertar a criação intelectual e permitir que toda a humanidade conseguisse atingir as alturas de gênios do passado. Nessa chave, a revolução social só se faz possível através da cultura (Trotsky; Breton, 1985, p. 37-38).

O livro “Parque Industrial” mescla elementos da experimentação estética modernista, observada em sua narrativa concisa e sintética, fragmentada em elipses (muito influenciada por Oswald de Andrade), e o compromisso da militância partidária e política (Chareyre, 2023, p. 224). A obra de Patrícia Galvão configura-se como importante documento social e literário, passível de ser entendido em conjunto das conceitualizações supracitadas, embora os autores as tenham escrito posteriormente ao livro.

Assim sendo, é possível localizar o “romance proletário” de Patrícia no debate cultural da literatura engajada e comunista, tanto a que estava sendo construída contemporaneamente a escrita de “Parque Industrial”, quanto a que surgiu depois.

Conclusão

Escrito sob uma perspectiva marxista-leninista e a partir da experiência de proletarização da própria autora, “Parque Industrial” (1933) enfoca as condições de trabalho de operárias de uma São Paulo em processo de industrialização. Patrícia Galvão escreveu seu livro afastada do Partido Comunista Brasileiro (PCB), ao qual se filiou em 1931, e após sua primeira prisão, provocada pela participação de Pagu num comício político em homenagem a Sacco e Vanzetti na cidade de Santos. Um documento do partido a descrevia como uma “agitadora individual, sensacionalista e inexperiente” (Ferraz, 2022 *apud* Galvão, 2022, p.7)

Neste trabalho foram discutidos o contexto e conceito do gênero literário “romance proletário”, entendendo este, por fim, como uma narrativa comprometida politicamente da vida “gente bruta, de corpo sujo e alma limpa como de criança” (Barbosa, 1935, *apud* Bueno, 2006, p. 168). É relevante pontuar que, embora a crítica supracitada de Murilo Mendes “Nota sobre Cacau” (1933 *apud* Bueno, 2006, p. 166) considere a obra de Patrícia fora do escopo da literatura proletária, enquanto “(...) uma reportagem impressionista, pequeno-burguesa, feita por uma pessoa que está com vontade de dar o salto mas não deu (...)”, aqui se tomou outro entendimento, tomando como base Chareyre (2023).

Também foi relacionado ao livro discutido a noção de literatura engajada, compreendida como a defesa de uma causa, por meio da exposição de uma situação política indesejada (Perrone-Moisés, 2023, p. 371), e também da concepção de arte revolucionária. Esse segundo conceito foi entendido, a partir de Trotsky e Breton (1985, p. 37-38), enquanto uma produção artística verdadeira, aquela que se compromete com a mudança radical da sociedade.

Assim sendo, entendeu-se “Parque Industrial”, como pontua o brasilianista Kenneth David Jackson (2014, p. 381), como um “(...) depoimento de alguém que estava por dentro da hipocrisia e da riqueza irresponsável dos estágios iniciais da industrialização de São Paulo (...)” e, dessa forma, um importante documento social e literário.

Referências

BUENO, L. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: **Editora da Universidade de São Paulo**. Campinas: **Editora da Universidade de Campinas**, 2006.

BONVICINO, R. *Sexo em Gênero em Parque Industrial*. **Sibila: Revista de Poesia e Cultura**. Ano 24, 2014. Disponível em: <https://sibila.com.br/critica/sexo-e-genero-em-parque-industrial/10736>. Acesso em: 28 de ago. de 2025.

CANDIDO, A. A REVOLUÇÃO DE 1930 E A CULTURA. **NOVOS ESTUDOS** N°4, ABRIL DE 1984.

CHAREYRE, A. “Uma excelente estreia”: A chegada do romance proletário ao Brasil. **Opiniões**, São Paulo, n. 22, pp. 187-226, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.213840>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/213840>.

GALVÃO, P. R. *Parque Industrial*. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2022.

JACKSON, K. D.. *Patrícia Galvão e o realismo-social brasileiro dos anos 1930*. In: CAMPOS, A. de. *Pagu: vida e obra*. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2014, p. 376-381.

LAFETÁ, J. L. 1930: A CRÍTICA E O MODERNISMO. São Paulo: **Livraria Duas Cidades; Editora 34**, 2000.

MATTOS, M. B. *Literatura militante entre o modernismo e o realismo socialista: o Parque industrial de Patrícia Galvão*. In: _____ (org.) *Livros vermelhos: literatura, trabalhadores e militância no Brasil*. Rio de Janeiro: **Bom Texto; FAPERJ**, 2010.

PERRONE-MOISÉS, L. *Literatura engajada*. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, Brasil, n. 35, p. 370–383, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/212813>. Acesso em: 26 ago. 2025.

PINTO, J.A.C. *Patrícia Galvão (Pagu): História e Literatura em Parque Industrial (1933)*. **História Revista**, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 162 - 179, 2025. DOI: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/79950>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SILVA, M. G. da. *Arte e revolução em Trotsky e Breton*. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.10, n.30, p. 55-64, out.2017-jan.2018.

TROTSKI, L.; BRETON, A. *Por uma arte revolucionária independente*. In: Breton, Trotsky, Patrícia Galvão... [et al.] *Por uma arte revolucionária independente*. São Paulo: **Paz e Terra; CEMAP**, 1985.